

Livros e bibliotecas



» JOSÉ SARNEY
*Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras*

Quando eu nasci, Deus me deu o meu melhor amigo, o livro, que me acompanhou a vida inteira, ensinou-me tudo o que sei, os conhecimentos que adquiri e encheu os meus ócios com a beleza e a força da literatura. Até hoje, nas águas tranquilas dos meus 96 anos, ele não me larga, nem eu largo a ele. O costume tornou-se a minha própria vida. Sempre digo que dois caminhos alimentaram meus dias: o da literatura e o da política. A literatura foi a vocação, e falar de literatura é falar do livro, dessa segunda natureza que me alimentou a cabeça.

A política entrou na minha vida pelos desafios que passei a viver e de que me tornei parte, querendo enfrentá-los para melhorar a sorte do povo dos municípios em que nasci, onde cresci e nos quais lutei. Meu desejo e minha determinação eram aliviar o sofrimento, que testemunhei na minha meninice, na adolescência e na juventude, e meus olhos viam as dificuldades, a pobreza e as injustiças no ambiente em que vivia. Depois, adulto, transporte a minha incomformidade para o Maranhão e, mantendo essa nobre ambição, tornei-me governador e creio ter feito um bom trabalho, separando a sua História em dois momentos, antes e depois de minha administração.

Finalmente, o destino me levou a decidir sobre políticas públicas e lidar com problemas nacionais maiores ainda, gigantescos, e lutar contra soluções demagógicas e simplistas para problemas difíceis e quase insolúveis. A História se

contorcia. A democracia renascia em minhas mãos em um momento de grandes obstáculos. Nela e para ela concentrei todos os esforços, de tal modo que hoje podemos celebrar seus primeiros 40 anos, com uma sociedade democrática de massa e uma Constituição que é das poucas elaboradas nos países que naquele tempo fizeram a transição para a democracia, o que foi ressaltado pelo brasilianista Ronald Schneider ao analisar aquelas transições democráticas.

Mas o que quero mesmo é dizer que, diante da minha frustração de não ter tido a oportunidade de frequentar um grande centro de formação, foi da biblioteca que me socorri para ter êxito na busca de suprir as minhas deficiências por meio do estudo: como não podia adquirir muitos livros, fui atrás deles nas bibliotecas, sendo frequentador delas a vida inteira, a começar pela Biblioteca do Maranhão, que naquele tempo tinha o nome de Benedito Leite, um grande político e intelectual maranhense.

Agora leio, com grande curiosidade, matéria bastante instigante do competente jornalista Irineu Machado, do UOL, sobre a observação diária e empírica que, durante 10 anos, com persistência, realiza em suas viagens de metrô, das leituras que os passageiros fazem durante o percurso entre o trabalho e a casa. A primeira percepção dele foi sobre aquilo que é noticiado diariamente, o declínio do hábito de leitura. Em “Frequento uma biblioteca móvel subterrânea”, pela diversidade e quantidade de leitura que presencia no metrô, o jornalista Irineu Machado desmistifica a ideia de que o brasileiro não lê. Em abono de sua tese, destaco o êxito da Bienal do Livro de São Paulo, com a presença de cerca de 600 mil pessoas, que por ali passaram comprando livros, participando das mesas-redondas e prestigiando palestras e debates com autores. A outra percepção de Irineu Machado é que a “biblioteca móvel subterrânea” é bastante atualizada com autores

clássicos e contemporâneos. Assim, Freida McFadden, Kurt Vonnegut, Guimarães Rosa estão juntos na escolha de seus leitores de metrô. É realmente uma diversidade grande: McFadden é uma autora de suspenses, e Vonnegut é um condenador das guerras, como seu livro sobre o bombardeio de Dresden, que deixou centenas de mortos e destruiu a bela e icônica igreja, restaurada com a ajuda do povo do mundo inteiro. Estranho encontrar Guimarães Rosa em companhia dessa gente, ele que divide com Machado de Assis, cada um em seu tempo, serem os maiores autores da literatura brasileira.

Outra constatação, esta minha, sobre o livro, é que ele anda muito: à noite, quando estamos buscando em nossa biblioteca os livros de nossa preferência, nós os retiramos do lugar e, no dia seguinte, eis a nossa procura pelo livro que “andou na madrugada”.

Meus cumprimentos e minha louvação a Irineu Machado pelo ineditismo de sua reportagem, mostrando que encontramos, nesse hábito no metrô, uma extensão da nossa casa e da biblioteca para a leitura, sempre viva.

Mas os livros merecem de nós um carinho muito grande. Temos os nossos amores por eles. Quando tive de separar-me de muitos deles, 24 mil volumes — 90% da minha biblioteca foi doada à Fundação da Memória Republicana, o Memorial José Sarney —, meu coração se apertou. Despedi-me do *O estadista do Império*, de Joaquim Nabuco, e do Pesquisas e depoimentos, de Tobias Monteiro, e quase chorei.

Quando presidente da República, sempre incluía nas minhas viagens visitas a bibliotecas. Foi assim que quando encontrei, entre as raridades que me apresentavam, *Os anais históricos do Estado do Maranhão*, de Bernardo Pereira de Berredo, na 1ª edição, do século 18, eu cumprimentei o colecionador e tive orgulho de saber que eu tinha essa mesma edição em meus livros no Maranhão.



Oscar Niemeyer: no papel está, no papel fica



» EDUARDO PIERROTTI
ROSSETTI
*Arquiteto, professor da
Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Brasília
(FAU-UnB) e pesquisador
do Vereda*

Os domínios e os limites de um campo profissional são constantemente transformados por eventos, pelas ações e movimentações de seus agentes, conforme Pierre Bourdieu explica. Segundo Thomas Kuhn, um paradigma somente é superado quando seu último representante deixa de atuar no campo e, portanto, deixa de tensionar, dilatar, orientar e contribuir para suas transformações. A morte de Oscar Niemeyer em dezembro de 2012 marca esse momento histórico com precisão, encerrando um ciclo.

Durante décadas, Niemeyer permaneceu projetando e inventando soluções formais extraordinárias, construindo uma carreira longa e uma trajetória profícua, com centenas de obras no Brasil e no mundo, sendo impossível pensar no século 20 sem a sua arquitetura, como destaca Eric Hobsbawm. Ao mesmo tempo em que suas arquiteturas se tornavam fatos marcantes na paisagem como ícones urbanos, sua trajetória passa a ser paulatinamente estudada, analisada e comparada. Niemeyer sempre se manifestou sobre a própria arquitetura de modo assertivo e, mesmo quando parecia calmamente explicando,

enquadrava aspectos e pautava como ela deveria ser apreciada.

Para isso, ele escreveu muitos textos, memoriais, livros autobiográficos, além de conceder entrevistas para jornais, revistas e programas de televisão. A historiografia da arquitetura do século 20 sempre incluiu sua contribuição paradigmática para abordagens espaciais e técnicas, destacar qualidades formais tão singulares, além de apontar as correlações entre ele os jogos de poder, tomando sua contratação para as obras públicas mais importantes do Brasil em coisa atávica, onipresente. Aliás, diante de quaisquer objeções sobre seu domínio na contratação de obras públicas ou perante abordagens críticas sobre aspectos de seu trabalho, ele mesmo e/ou porta-vozes investidos, manifestavam-se desacreditando os comentários e relativizando os questionamentos, reiterando lugar central de Niemeyer no campo. Em 2009, a ideia estapafúrdia de inserir uma estrutura com 100 metros de altura em plena Esplanada mobilizou a academia e a opinião pública para engavetá-la. Nos anos 1990, até mesmo com Lucio Costa houve uma refrega sobre a construção do Anexo-2 do STF.

Esse caso foi apenas uma das muitas oportunidades profissionais que o arquiteto teve para ampliar, refazer ou estudar novas versões de propostas de suas próprias obras. Ele sempre se valeu de sua enorme habilidade, desenhando e registrando em croquis, miríades de soluções que depois seriam aprimoradas e detalhadas no processo normal de desenvolvimento de um projeto de arquitetura. Para transformar os croquis

em informações técnicas e construtivas seguras, correspondentes às especificidades de um projeto de arquitetura, Niemeyer interagiu com diferentes equipes, nas diversas etapas, num processo fundamental para a consecução de uma obra.

Ao longo de sua vida, Niemeyer produziu um volume incrível de desenhos, e sua experiência transformou o próprio desenhar, deixando as representações cada vez mais concisas. Ideias de projeto registradas em seus desenhos têm forte apelo imagético, são especulações técnicas e espaciais importantes para reflexão sobre processos do projeto arquitetônico, mas hoje, nada disso, nenhum dos desenhos, pode ser honestamente tomado como base para ser transformado em projeto de “arquitetura de Oscar Niemeyer” por razões elementares, já que ele não está mais em atuação. Lugares outrora reservados para obras não construídas devem ser objetos de concurso público. Hoje, toda essa documentação gráfica tem inestimável valor histórico e historiográfico, mas não tem legitimidade para ser tomada como índices de projeto. Os desenhos de Oscar Niemeyer constituem um material valioso que deve integrar acervos e assegurar pesquisas, estudos e análises, contribuindo com as reflexões sobre as complexidades do campo e da produção da arquitetura brasileira.

Portanto, não é lógico pretender “tirar no papel” quaisquer sugestões de projeto para Brasília e para o Brasil. É preciso se posicionar de maneira contrária a quaisquer movimentações que avenem essa ideia oportunista. Aquilo que no papel está, no papel deve ficar!

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

[Circe Cunha//circecunha@adabr.com.br](mailto:circecunha@adabr.com.br)

O celeiro do mundo com a semente alheia

Uma imagem síntese revela a fragilidade oculta da potência agrícola brasileira. O país se orgulha de ser o maior exportador global de grãos. No entanto, o agronegócio planta sementes cujas decisões ocorrem em reuniões internacionais. Essa dependência reflete a atuação de conglomerados corporativos e afeta diretamente a dependência de sementes e insumos no Brasil. A concentração de mercado preocupa órgãos reguladores em todo o mundo.

Números

Apenas quatro grupos globais controlam 56% do mercado mundial de sementes comerciais e 61% dos defensivos. A empresa Bayer detém isoladamente cerca de 23% do mercado de sementes no planeta. Economistas apontam que a participação superior a 40% exige vigilância antitruste severa. O setor de insumos agrícolas atua acima desse patamar crítico há anos.

Abrolhos

Essa concentração resultou de fusões estratégicas entre grandes corporações. A Dow uniu-se à DuPont para criar a Corteva. A estatal chinesa ChemChina adquiriu a Syngenta. Paralelamente, a Bayer pagou US\$ 63 bilhões pela Monsanto em 2018. Por sua vez, a Basf absorveu ativos negociados para aprovar o negócio. O movimento criou um oligopólio no mercado de sementes sem precedentes.

Conflitos jurídicos

A legislação brasileira protege o agricultor por meio do privilégio de replantio. A Lei de Cultivares garante ao produtor o direito de guardar sementes para a próxima safra. A regra se aplica após o pagamento inicial dos direitos devidos.

Sindicatos atentos

Entretanto, conflitos entre a lei de cultivares e patentes abalam essa segurança. A disputa envolve a tecnologia da soja Intacta RR2 PRO. A empresa arrecada cerca de R\$ 2,6 bilhões por ano em royalties. Sindicatos rurais questionam as cobranças sobre os grãos reservados para replantio.

Respaldo

Decisões do Superior Tribunal de Justiça (STJ) priorizam a Lei de Propriedade Industrial sobre biotecnologia. Essa interpretação esvazia as garantias da Lei de Cultivares em sementes transgênicas. Com isso, a atuação de empresas como Bayer e Monsanto no agronegócio ganham respaldo judicial contínuo.

Campo livre

Além da pressão jurídica, a fiscalização federal enfrenta escassez de recursos. O Ministério da Agricultura conta com apenas 100 fiscais para monitorar 61 milhões de hectares. No estado de Mato Grosso, existem pouco mais de dois fiscais para 15 milhões de hectares. Esse cenário amplia a vulnerabilidade do produtor rural.

Soberania alimentar

A dependência tecnológica atinge diretamente a biotecnologia e soberania alimentar da nação. Cada geração de sementes traz eventos patenteados empilhados. Essa complexidade dificulta o desenvolvimento de cultivares totalmente nacionais e independentes.

Sem apoio

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) atua com orçamento reduzido. A instituição estatal precisa licenciar tecnologias privadas para manter a produtividade. Com isso, o produtor nacional torna-se refém de pacotes tecnológicos fechados. A cobrança de royalties sobre sementes transgênicas encarece a produção a cada safra.

Encruzilhada

Especialistas afirmam que o desenvolvimento de um evento biotecnológico custa cerca de US\$ 300 milhões e exige proteção jurídica. Por outro lado, defensores da soberania alertam que a concentração sufoca o desenvolvimento local. O país precisa decidir se enfrentará o problema como política industrial e soberania nacional.

Solução

O fortalecimento da pesquisa pública e a revisão das fusões no Cade são medidas urgentes. O Brasil precisa garantir autonomia tecnológica para proteger seu agronegócio. O celeiro do mundo não pode depender de decisões tomadas fora de suas fronteiras.

A frase que foi pronunciada:

“Se ao menos o corpo humano pudesse lidar com traumas tão bem quanto as ações de empresas de biotecnologia”

Alex Berenson História de Brasília

História de Brasília

As pessoas que procuram a Coletoria Federal de Brasília reclamam que há poucos funcionários para o trabalho. A averbação de contratos ou recibos é feita rapidamente, mas às vezes, os funcionários ficam presos a leituras de longos contratos, em prejuízo do funcionamento mais rápido do serviço. (Publicada em 26/5/1962)